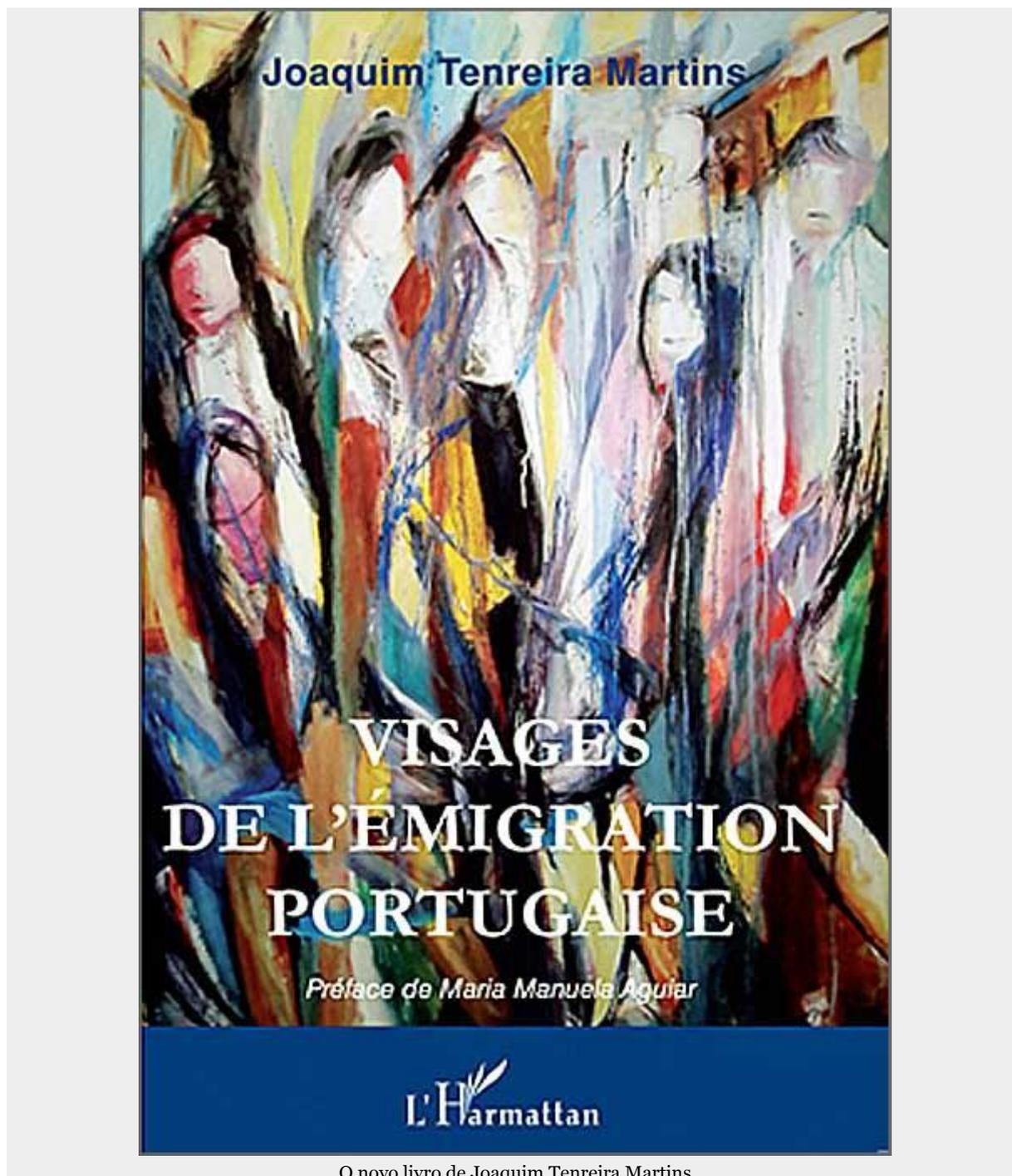


## O meu livro e a tua pintura



Sábado, 11 Junho, 2016 [Cultura](#), [Livros](#), [Vale de Espinho](#)

***Começarei por prestar homenagem ao meu amigo Alcínio Fernandes Vicente que há alguns meses abordei com uma certa timidez, pedindo-lhe para me ceder a sua bonita pintura que designou Êxodo, e que encontrara nos arquivos do bloque Capeia Arraiana, onde, regularmente escrevemos.***



O novo livro de Joaquim Tenreira Martins

Claro que estaria disposto a pagar a inspiração, a originalidade e o trabalho de um artista. Mas qual não foi o meu espanto ao ouvir-lhe responder: *podes inserir a minha pintura no teu livro desde que me cites como autor*. A pressão que recaía sobre os meus ombros desceu imediatamente e fiquei ligeiro como um passarinho, mas eternamente reconhecido a este meu amigo Alcínio Fernandes Vicente. Antes de ter encontrado o Alcínio, tinha pensado inserir na capa do meu livro a foto de um *patchwork* que a minha mãe tinha crochettato em losangos de todas as cores, pensando nas múltiplas vidas por que um emigrante passa. Estaria lá também a minha, a do Alcínio e a de muitos outros. Mas a estética é uma grande ciência e deixei que ela decidisse por mim.



Joaquim Tenreira Martins

O Alcínio, com esta pintura, captou bem a problemática das nossas aldeias raianas que se iam esvaziando com as pessoas mais válidas para irem ganhar a vida noutras terras. Votados ao sistemático esquecendo do poder central, não havia outra solução a não ser a trágica decisão de emigrar. Emigrar de noite, emigrar sem rosto, emigrar depressa, emigrar de manhã cedo, emigrar com chuva, com vento, com neve, ao sol nascente, ao sol poente, sem dar nas vistas, a fugir, a correr...

A fronteira não ficava longe e a demora poderia ser fatal. Habitados a galgar paredes, cômoros e riachos, e a percorrer mato grosso e rasteiro, os pés voavam e a Espanha era um caminho penoso e longo, antes de chegar à terra prometida. O nosso Alcínio conhecia bem as nossas tradições judaicas para denominar a sua pintura, o Êxodo. E foi um autêntico êxodo a que as nossas terras assistiram. Os mais corajosos, os mais leves, os que nem sequer mala tinham para a viagem foram os primeiros a partir. Não tinham nada a perder!

O êxodo é a nossa epopeia e é dessa que temos de falar. Temos uma epopeia para contar, para escrever, para cantar, para pintar, para ouvir e divulgar. Temos uma epopeia subterrânea que é necessário fazer ressurgir à luz do dia. Faz-nos bem reconciliar-nos com ela, aprofundá-la e encontrar-lhe o miolo, talvez a súpula que nos levará para os campos da ficção e outros.

Não foi em vão que os nossos pais se viram obrigados a optar pela emigração para que nós, embora não escondendo as lágrimas nem as cicatrizes da ausência, pudéssemos frequentar as universidades e estar hoje em postos chave, a governar este país.

A estes emigrantes temos de estar agradecidos pelo progresso e a transformação da nossa beira raiana. Foi a pensar neles, na sua coragem, na sua ousadia que o meu livro nasceu. Os seus gestos, as suas

pegadas apressadas, os seus rostos altivos a olhar e a desafiar a fronteira inspiraram-me a feitura deste livro – *Visages de l’émigration portugaise* –, também eu desafiando a fronteira das línguas, escrevendo-o em francês para que os meus netos possam um dia ler o que o avô viveu. Também escrevi para aqueles que, no Verão, enchem a nossa raia beirã e todo o Portugal, para quem o francês é já a sua primeira língua. Quer queiramos quer não, o francês já é a língua que os nossos conterrâneos falam em Paris, Versailles, Bordeaux e por todos os cantos do grande país que nos acolheu. É já a língua dos nossos filhos e dos nossos netos.

Este livro é também feito com gente simples que é necessário mostrar. É esta gente que fez epopeia e que é necessário cantar, como Camões cantou aqueles que partiram para outras terras. E eles são uma riqueza incalculável.

E quando olhamos para o seu percurso migratório, constatamos que pobres, ricos ou super-ricos, tal como o salmão, voltam sempre à nascente. Podem andar longe, mas carregam a sua aldeia às costas. Faz-me lembrar o grande pintor Marc Chagall que em Nova Iorque, Paris e noutras terras, não cessou de pintar a sua aldeia. Ou o nosso grande pintor Amadeo de Sousa Cardoso, que pintava e repintava as paisagens do Marão e do seu Manhufe, sempre presentes em Paris e para onde quer que fosse. Aqueles que partiram fizeram a pátria noutro lado. Mas o exílio continua vivo na sua pele e talvez a pátria seja o seu próprio exílio.

:: ::

«*Pedaços de Fronteira*», opinião de **Joaquim Tenreira Martins**  
**Partilhar:**



## One Response to *O meu livro e a tua pintura*



1. **José Antunes Fino** diz:

[Sábado, 11 Junho, 2016 às 23:40](#)

Estou deveras ansioso por ler o livro ainda mais por esta excelente introdução do autor. A emigração da nossa Raia merece bem ser cantada em tom grandiloquente na pena firme do meu amigo Joaquim tenreira Martins, distinto escritor da nossa terra natal, VALE DE ESPINHO!